

**Cárcere: suas concepções e marcas concebidas pelos homens ex-detentos da cidade de Ponta Grossa – PR a partir da vivência de suas diferentes territorialidades**

Dimas Diego Gontarek<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo compreender como os egressos do sistema penitenciário da cidade de Ponta Grossa interpretam a experiência do cárcere a partir das vivências territoriais no interior da instituição prisional. Como fio condutor, utilizou-se o conceito de território concebido por e a partir das relações de poder (SOUZA, 2009), criando sobre uma malha diferentes pontos de acesso e limites diferenciado pelo sujeito que o acessa, num processo dinâmico de apropriação e desconstrução. Para auxiliar na compreensão da questão central foram elaborados questionamentos específicos no qual buscam compreender qual é o perfil dos detentos da cidade de Ponta Grossa e como o cárcere é interpretado pelo grupo. Para isso, foram realizadas 7 entrevistas semi-estruturadas com homens egressos do sistema penitenciário da cidade de Ponta Grossa, resultantes de uma trajetória de pesquisa vinda desde a iniciação científica e sistematizado a partir do método proposto por Bardin (1970). Além disso, foram utilizadas fontes estatísticas de órgãos oficiais em relação a dinâmica que tange a população carcerária. A pesquisa evidencia que o cárcere é majoritariamente composto por homens de origem pobre, com baixa escolaridade e sem qualificação profissional, com crimes de baixa periculosidade e em grande parte relacionados com o tráfico de drogas e contra o patrimônio. Além disso, o cumprimento da pena é vivido de forma diferenciada de acordo com o perfil de masculinidade que o homem exerce durante o cumprimento de suas penas, podendo ser agravado o sofrimento da pena de forma desigual por aqueles que compõem o espaço carcerário.

**Palavras-chaves:** cárcere; território; masculinidades.

### **Introdução**

Atos criminosos são constantemente presenciados ao decorrer de nossas vidas. Suas características se desenvolvem nas mais variadas formas. Fato transversal em todos esses acontecimentos é a forma com que esses atos ilícitos serão cobrados, caso isso venha a ocorrer, ou seja, qual a maneira mais justa dos autores desses atos arcarem com os prejuízos ocasionados, nisso, a prisão é uma das primeiras imagens a surgir em nossa cabeça.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrando Gestão do Território. *Email:* gontarek.dimas@gmail.com

Concomitantemente com o debate realizado sobre a violência realiza-se também o debate em relação a efetividade punitiva dessas instituições, o seu caráter ressocializador ou os seus efeitos sobre a pessoa presa e sobre a comunidade em geral. Kropotkin, anarquista e pensador político russo, já em 1897 apontava que ‘as prisões extingue no homem todas as qualidades que o torna um ser próprio para a vida social’ (KROPOTKIN, 1897, pg, 11).

A ciência geográfica pouco vem se preocupando em analisar as geograficidades dessas instituições e as vivências das pessoas que passam por essa experiência. Contextualizando a produção científica desta temática dentro da ciência geográfica, utilizando como instrumento de pesquisa o banco de dados dos dois principais órgãos científicos nacionais disponibilizados em meio digital, a saber, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)<sup>2</sup> e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>3</sup>, encontrou-se no total apenas 7 dissertações e 2 teses enquadrados na área de conhecimento 'Geografia', 'Geografia Humana' ou 'Geociências'.

Esta baixa produção de reflexões sobre as prisões no âmbito da geografia brasileira pode ser vista enquanto um tema ainda pouco discutido, não se constituindo enquanto um objeto de interesse da análise científica e fazendo parte de um discurso ausente e silencioso dentro da geografia brasileira (SILVA, 2009). Essa despreensão geográfica de análise se constitui enquanto paradoxal na medida em que dados disponibilizados pelo *Institute for Criminal Policy Research*<sup>4</sup>, localizado em Londres, apontam que no Brasil nos últimos 17 anos, houve um crescimento de 257% na taxa de encarceramento populacional, dinâmica que a geografia não vem se preocupando em incluir em seu hall de debate e reflexão.

Desta forma, este artigo surge como possibilidade de contribuir com esse importante debate e também expandir o leque teórico referente às análises da geografia humana. Na primeira parte será discutido o conceito de território fazendo referência às dinâmicas internas da prisão levando em consideração a fala dos sujeitos pesquisados que contribuíram com entrevistas semi-estruturadas e que nos levou a aceitar o conceito de território como o mais apropriado. Em seguida, será exposto o perfil dos detentos da cidade de Ponta Grossa egressos da Cadeia Pública Hildebrando de Souza e/ou da Penitenciária Estadual de Ponta

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Resultslookfor=cC3%A1rcere&type=AllFields&filter%5B%5D=format%3Aadaa sddada%22masterThesi22&limit=20&sort=relevance> <. Acessado no dia 10/5/2018.

<sup>3</sup> Disponível em: ><http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses><. Acessado no dia 10/05/2018.

<sup>4</sup> Disponível em: ><http://www.prisonstudies.org/><. Acessado no dia 10/05/2018.

Grossa, ambas instituições de regime fechado. Por fim, serão tratados as espacialidades e categorias discursivas a partir da análise de conteúdo de suas falas proposto por Bardin (1970) resultantes do processo investigatório.

### **Uma compreensão geográfica sobre o cárcere**

Evidenciou-se durante o processo de campo exploratório, que a vivência carcerária em que esses homens são sujeitos é composta e influenciada por diversas relações de conflitos, limites, fronteiras, controle de acessos e domínios de corpos. Por conta disso, optou-se por escolher o conceito de território enquanto fio condutor, por esse apresentar em seu conteúdo embasamentos que permitem fortalecer a discussão teórica do fenômeno em questão.

A concepção de território utilizada neste trabalho é aquela permeada por relações de poder, ou seja, resultado de uma ação hierarquicamente organizada por diferentes grupos que imprimem no espaço relações de distâncias e acessibilidades distintas, na qual, 'ordena sobre o espaço um sistema de controle sobre aquilo que pode ser distribuído, alocado e/ou possuído pelos diferentes atores que se inserem nesse contexto' (RAFFESTIN, 1993, pg. 151).

Neste sentido, a instituição prisional em seu contexto contemporâneo ao mesmo tempo em que é resultado da ação direta do Estado na busca por impor punições sobre aqueles que em algum momento cometeram atos intransigentes, é transformada cotidianamente a partir da organização dos próprios detentos, aplicando a partir disso estratégias paralelas ao controle estatal, como podemos visualizar no seguinte trecho de entrevista:

'Depois que o PCC colocou ordem na cadeia pra não ter mais o uso de crack, não pode ter agressão um com o outro, só pode pegar uma pessoa se o cara esteja devendo alguma coisa pro crime, se o cara for devedor, aí eles dão o aval pros cara pegar o cara. Agora você tirar uma satisfação com outro cara, sendo que até você pode ter uma treta lá da rua, só que você não pode levar isso pra dentro da cadeia, a treta de você deve ser resolvido lá na rua, lá dentro você tem que ter o respeito um pelo outro. Se você briga com um cara, você agride ele você já tá no erro.' (Trecho de entrevista realizada com Rastaman em Julho de 2017).

Esse fato nos permite ligar a realidade encontrada em campo com as reflexões de Marcelo Lopes de Souza no qual afirma que toda modificação feita sobre um espaço de primeira natureza (SANTOS, 1999) que implique sobre esse, diferentes formas de acesso, modifique seu meio natural, transforme suas características orgânicas em matéria sistematicamente organizada, que cria distinções entre diferentes grupos, produz

constantemente *insides* e *outsides* (SOUZA, 2009), são por si só, características de um território ou de uma territorialização.

Souza (2009) influência na concepção a cerca do território na medida em que introduz sobre este uma mobilidade e construção muito mais complexa do que aquela fixada em sua definição inicial. Em sua concepção, a dinâmica territorial pode ser exercida através de diferentes grupos nos mais variados contextos, levando também em consideração o momento histórico que ocorre determinado fenômeno. Para ele, territórios podem existir nas mais variadas escalas, se contrapor e coexistir de maneira simultânea, sobrepondo-se de maneira dinâmica e nunca de forma acabada.

Em Ponta Grossa essa dinâmica de relações de poder distintas que criam territorialidades também podem ser encontradas na medida em que verificamos espaços de exclusão determinados para aqueles sujeitos que tem um perfil de conduta que não se enquadrada entre os perfis aceitos pela maioria dos detentos. Esse perfil pode variar de acordo com o crime cometido, orientação sexual, aproximação com a administração da instituição, etc. Essa dinâmica pode ser verificada no trecho de entrevista abaixo:

'Dae então é tudo separado. Tem a galeria das bicha, tem a galeria dos jaguara, galeria dos trabalhador, galeria dos malandro. Jaguara são os cagueta, cagueta é os jaguara! E dae tem aqueles outros que não convive por que as vezes é boca dura, sabe, tudo que você vai falar com o cara, o cara "não cara, vai se fuder", o cara é mais isolado assim sabe, o cara quer ser mais cocozinho na malandragem mesmo sabe, quer ser mais cocozinho ali o cara já fica separado também, fica lá na galeria dos playboy por exemplo'. (Trecho de entrevista realizada com Vida Loka, em maio de 2015).

Podemos perceber que para esses sujeitos a vivência territorial da prisão se dá de forma ainda mais limitada do que o restante do grupo, pois se limitam a vivenciar somente um recorte imposto pelo maioria dos detentos que compõem a vivência interna deste ambiente, sendo esse um poder paralelo ao Estado, que muitas vezes dita o que é permitido e constrói sobre a prisão limites de acessos e separação entre diferentes grupos independente do controle estatal.

Seguindo essa linha de reflexão, podemos definir o cárcere, em específico, a Cadeia Pública Hildebrando de Souza, sendo essa vivenciada pelos entrevistados, um território punitivo composto por outras territorialidades, sendo essas, resultantes de um complexo jogo de relações de poder de um grupo paralelo ao Estado, que aplica sobre o espaço carcerário, uma dinâmica particular de vivência, buscando facilitar o cotidiano de suas penas na medida

do possível, e de outro lado, impondo sobre a pena de um grupo determinado uma carga extra de limitação e castigo além daquela prevista na forma constitucional da lei estatal.

Caracterizado o fio condutor teórico que tange esse trabalho, partimos agora para o perfil das pessoas que vivenciaram esses territórios punitivos no Estado do Paraná e na cidade de Ponta Grossa, para está em específico no ano de 2016, momento em que foram coletados os dados.

### **O perfil dos homens encarcerados na cidade de Ponta Grossa**

Em primeiro lugar a população carcerária nacional é majoritariamente constituída por pessoas do sexo masculino. Segundo o Mapa do Encarceramento (2015), das 515.482 pessoas privadas de liberdade no nosso país no ano de 2012, 93% eram homens. Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – INFOPEN (2014), das 28 mil pessoas privadas de liberdade no estado do Paraná, 93% são homens. A similaridade no valor desses indicadores servem para nos apontar que a dinâmica do sistema penal paranaense não se configura enquanto isolado ou desconectado do restante do Brasil, fazendo parte de uma estrutura que se reflete a nível nacional.

Para elaborar o perfil dos detentos da cidade de Ponta Grossa foi utilizado o relatório elaborado pelo Núcleo de Estudo e Acompanhamento das Execuções de Pena na Vara de Execuções Penais na Comarca de Ponta Grossa, sendo esse um documento elaborado entre os anos de 2014, 2015 e 2016 que utiliza como recorte a Penitenciaria Estadual de Ponta Grossa e sistematiza as informações de faixa etária, escolaridade, perfil profissional e tipo penal em relação ao número total de detentos dentro dos anos mencionados.

Em relação a Cadeia Pública Hildebrando de Souza, outra instituição penal de regime fechado localizado na cidade de Ponta Grossa a dinâmica encontrada na fase de campo exploratório foi outra. Em conversa com o vice-diretor, esse argumentou que a falta de um sistema informacional de cadastro, a baixa quantidade de funcionários, a sobrecarga de trabalho e o grande volume de entrada e saída diária de novos detentos, impossibilitava a sistematização dos dados solicitados para o número total dos custodiados, que na época somava a quantia total de 762 presos em um estabelecimento projetado para suportar 283 pessoas. Entretanto, a administração da instituição preocupada em contribuir com a presente pesquisa, nos forneceu dados de faixa etária, tipo penal e escolaridade de 20 detentos escolhidos de forma aleatória, podemos perceber que o perfil dos detentos homens

custodiados na cidade de Ponta Grossa não se distancia das características em relação ao restante do país. Podemos perceber que em relação a idade, esse perfil consiste se tratar de homens jovens, em sua maioria (50,6%) entre 18 e 29 anos. Podemos perceber também que massivamente a população carcerária atual não possui o ensino fundamental completo, somando um total de 71,4%. Além disso, são enquadrados enquanto tendo baixa qualificação profissional se levarmos em consideração que 56,4% do total de detentos trabalhavam exclusivamente nas áreas de construção civil, pintura e serviços gerais, tendo oportunidades no mercado de trabalho reduzido nessas áreas. Em relação ao tipo penal desses homens, averiguamos que se tratam de crimes de baixa periculosidade pois na maioria dos casos se enquadram em artigos de tráfico de drogas e crimes contra patrimônio como roubo e furto, somando juntos um total de 67% entre os crimes cometidos.

Essas características servem para nos apontar empiricamente algumas reflexões de Soares (2011) no qual afirma que a justiça se faz de maneira seletiva na medida em que somente um determinado grupo de indivíduos sofre com as sanções estatais, deixando de priorizar os crimes cometidos por outros grupos localizados em diferentes estratos sociais e com uma prática criminosa diferenciada, vivendo de forma impune.

Apesar das constantes relações privilegiadas que o homem encontra em uma sociedade patriarcal capitalista, o grupo masculino não pode ter suas vivências generalizadas enquanto homogêneas, pois entre ele, existem diferentes perfis e práticas sociais que refletem em diferentes relações de poder uns sobre os outros, onde aqueles que se encontram em posições de proximidade com o padrão de ser homem estabelecido pela sociedade, tem uma posição de privilegio em relação ao restante (SILVA, 2011).

Connel (1995) ao debruçar-se sobre os temas de gênero e masculinidades, elaborou o conceito de 'masculinidade hegemônica', sendo esse, um termo tratado para discutir daquele ideal de masculinidade criado socialmente que tem como pressuposto a imagem do homem branco, viril, heterossexual, provedor de sua família, mas que em geral não corresponde a vida da maioria dos homens. A não correspondência desse ideal de masculinidade, seja pela classe social, religião, idade ou raça reproduz outras formas de masculinidades, que se chocam com aquele ideal imposto, chamada pelo autor de 'masculinidades periféricas'.

Apesar do grupo não apresentar características que se enquadram em um ideal de masculinidade hegemônica, as suas relações cotidianas são compostas pela busca da centralidade nas relações de poder, de forma contínua e nunca de maneira acabada. Pensando

a partir de Foucault (1998), este nos aponta o poder não enquanto algo possuído em sua totalidade, mas que de maneira dinâmica é composto por um feixe de relações que constantemente (re)configuram as posições de centro e margem entre aqueles envolvidos nessas relações.

Pois bem, dentro de um território carcerário composto por limites e tensionamentos e permeados por relações de poder diferenciadas entre os grupos, as masculinidades mesmo sendo consideradas periféricas em seu contexto geral, possuem dentro de cárcere, práticas diferenciadas que podem alocar esses sujeitos entre centro e margem nas relações de poder.

Além disso, outras práticas são impostas entre os detentos a fim de moldar um perfil de convivência próprio da instituição penal, tendo os sujeitos suas práticas moldadas e que de maneira direta, influenciam na construção de suas masculinidades no cotidiano de cumprimento de suas penas. Podemos compreender melhor essa situação a partir do seguinte trecho de entrevista:

'Daí eu tava passando no meio dos cara conversando assim e o cara chamou eu de volta, "o cara, chegue aí" quando eu cheguei o cara deu assim na minha boca. Daí quando eu olhei pra todo mundo assim eu tinha que matar o cara né? Na hora que eu fui no mocó la no pátio que eu saquei da faca os cara me colaram assim num canto "o que você vai fazer cara?", eu falei "eu vou dar uma facada nesse cara, o cara bateu na cara de cara homem" os cara falaram " não não não irmão, você não vai matar ninguém, isso dae é pra você aprender. Sabe o que você ta aprendendo? você ta aprendendo de quando tiver gente conversando você não passa pro meio, não é por causa disso que você não vai ser cara homem. Você vai ser cara homem sim só que você ta aprendendo. Nós sabemos que você chegou agora irmão, nós tamo te ensinando a ser uma pessoa pá'. (Entrevista realizado com Vida Loka em 2015)

Tratado o perfil dos homens detentos da cidade de Ponta Grossa (PR), recorte espacial deste trabalho, seguimos agora ao tratamento dos dados empíricos obtidos no processo de campo no decorrer desta pesquisa, citando a metodologia proposta e os resultados finais deste trabalho.

### **Espacialidades discursivas e categorias discursivas na vivência cotidiana dos homens egressos na cidade de Ponta Grossa, Paraná**

O trabalho de campo foi realizado a partir de diferentes fases. A primeira delas teve início com a seleção de um grupo que contemplasse os eixos fundamentais de objeto de estudo a partir de seus discursos, sendo que esses deveriam ser de homens egressos do sistema

de regime fechado da cidade de Ponta Grossa. Após o contato e devida aproximação, ocorreu a realização de entrevistas com roteiros semiestruturados aplicados de maneira individual e gravada.<sup>5</sup>

Após isso ocorreu a transcrição das mesmas com o intuito de facilitar o processo de análise e sistematização dos dados, sendo esta, realizada através da análise do conteúdo e aplicado em um banco de dados através do método proposto por Bardin (1970) que implica na definição de categorias de análise a partir da frequência de evocações identificadas em seus discursos.

Assim, a sistematização das entrevistas transcritas e sistematizadas em um banco de dados, resultou na caracterização de 441 evocações, que analisadas e sistematicamente elencadas, caracterizam-se em 32 categorias discursivas nas quais, 14 fazem menção a espacialidade 'Cadeia, 7 estão relacionadas com a espacialidade 'Cidade', 8 contemplam a espacialidade 'X' e 3 relacionadas a espacialidade 'Seguro'<sup>6</sup>, fato esse que reflete as diferentes territorialidades que compõem a cadeia.

Compreendendo que a experiência do cárcere marca a vida das pessoas presas de maneira diferenciada e que influência no comportamento e modo de encarar a vida em liberdade, partimos para a reflexão de como o cárcere é interpretado pelos homens ex-detentos da cidade de Ponta Grossa, suas principais características a partir do ponto de vista de quem o viveu de forma intensa, concebendo nisso o objetivo central deste trabalho.

O arranjo de posicionamentos ora centrais ora periféricos dentro de uma malha constituída de limites, exclusões, e acessos diferenciados para cada sujeito (RAFFESTIN, 1993) é resultante das características que cada detento possui frente ao grupo, variando de acordo com sua situação financeira, vínculo com o crime organizado, tipo penal, redes de afetividade com outros detentos, dependência química, entre outros.

Esta vivência diferenciada do cárcere que ora amplia e ora reduz os direitos, benefícios, auxílios e regalias que cada detento terá com o grupo, pode ser visto no seguinte trecho de entrevista:

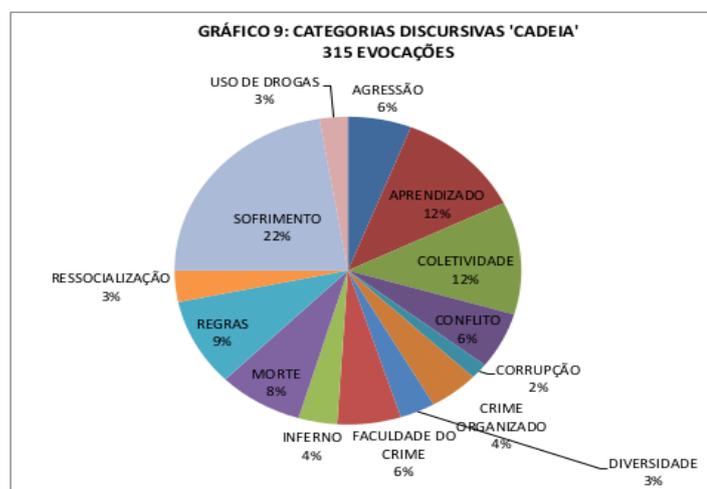
---

<sup>5</sup> Totalizando seis horas e quarenta e quatro minutos de entrevista gravada

<sup>6</sup> Nas entrevistas em geral apareceram 6 espacialidades discursivas, mas que apenas 4 serão tratadas pois apresentam mais que 2% de evocações em cada classe e juntas contemplam a quantidade de 98,32% das evocações elencadas.

'É, porque antigamente era muito, era muito cruel, era cruel pra quem não era marginal! Pra quem era marginal era até bom às vezes, mais fácil, sabe?' (Entrevista realizado com Vida Loka em 2015)

As diferenciações no cumprimento da pena, variando a intensidade para cada detento dentro de uma instituição criada para tratar todos de maneira igualitária é reflexo ao modo como os detentos constroem suas próprias normas e estratégias de resistência dentro da prisão como afirmam Foucault (1996), criando uma nova dinâmica entre a organização espacial do presídio estruturado pela sua disposição física e os circuitos espaciais da criminalidade.



Fonte: Entrevistas semi-estruturadas com egressos da cidade de Ponta Grossa  
Organizador: GONTAREK, D. D.

Evidencia-se que a maior categoria é a do 'sofrimento', com 22% do total das evocações presentes nessa espacialidade. O sofrimento é algo presente na experiência dos seis homens entrevistados, caracterizando-se enquanto algo inevitável no cumprimento de suas penas.

O sofrimento, interpretado como sendo o padecimento ou a dor que sente uma pessoa, consciente ou inconsciente e que se reflete na moléstia e esgotamento físico ou moral ou em sua infelicidade é concebido de diferentes maneiras pelos detentos. Em relação ao estado de sofrimento não corporal, este é caracterizado pela sensação de abandono, angustia, medo, desprezo e insegurança sentida pelos entrevistados. Além disso ele também se configura na relação de saudade com os familiares pelo fato de ver a figura materna sofrer. Entretanto, o sofrimento também é resultado da dor e moléstia física, aquele resultante das condições insalubres e desumanas em que se encontra o ambiente prisional. Além disso, ele é resultado

das agressões físicas aplicadas sobre esses homens, seja por parte de outros detentos ou por parte da polícia e administração do presídio.

'A hora que eu vi minha mãe lá cara foi a hora que eu coloquei minha mão na cabeça e pensei, "puta lá merda, o que que eu fui fazer". Minha mãe chorando eu me senti assim...Não sei cara. Não vou dizer estéril, por que eu tava muito mais estéril, eu estava muito abalado com aquilo ali velho. Tava abalado psicologicamente, mentalmente. Não por eu tá lá, mas por minha mãe tá lá me vendo' (Trecho de entrevista realizado com Zapata em 2015)

Daí é melhor nós apanhar e ficamos uns quinze dias no veneno, só que nós ficamos 45 dias no veneno, dormindo pelado, sem colchão, sem copo pra tomar café, sem comida, a comida deles, café da manhã, almoço e janta. Depois da rebelião era surra, todo dia. (Trecho de entrevista realizado com Vida Loka em 2015)

A 'aprendizagem' segunda categoria mais citada pelos entrevistados acompanhado de 'coletividade', é caracterizada pelos entrevistados como fazendo parte do processo de vivência da prisão, adequando o indivíduo dentro de um contexto diferente do qual esse homem estava acostumado, forçando-o a uma adaptação em relação a esse contexto. Este aprendizado se referencia no ato de aprender as regras da cadeia, formas de conduzir o dia a dia, se portar e conduzir, instituída pelos próprios detentos, como visto na fala abaixo:

'Então tem muito código de conduta entre eles lá! Se você pisa na bola, não cumpre uma norma é cobrado também né cara. Às vezes rola de dar mio, se você passar por cima do alimento, às vezes já é um mio. Tem que acordar na hora, tem um ritmo lá de dentro mesmo, tem que acordar cedo, tem que fazer as atividade, tem que lavar a roupa, passar não, mas lavar. Cozinhar, né cara. Várias atividades lá dentro né.' (Trecho de entrevista realizado com Rosa em 2014).

O aprendizado está diretamente relacionado com a terceira evocação mais presente nesta espacialidade, a 'Coletividade'. Está é citada em suas falas como sendo algo característico entre o convívio dos detentos, expresso através de atos de solidariedade, ajuda, amizade, fraternidade, igualdade e segurança entre os mesmos. Importante lembrar que essa coletividade é compartilhada entre o grupo majoritário e exclui dessa rede de ajuda aqueles excluídos do convívio.

“é uma decisão assim, que qualquer coisa que uma pessoa vai decidir lá dentro não é só uma pessoa que decide, desde pra matar um cara, não é assim de levantar lá e "vou matar", sabe, se ele fazer sozinho tá sujeito de morre também. Por que as vezes os cara tão num tatu lá quase indo embora e o cara da um mio desse e cai o tatu lá, vai sobrar pro cara entendeu. É por isso que é feito uma reunião primeiro com os cabeça, pra ver como que é a decisão.” (Trecho de entrevista realizada com Zapata em 2016)

A terceira espacialidade mais referenciada na fala dos entrevistados é o 'X', com 7,04% do total das evocações.<sup>7</sup> Ela é caracterizada enquanto sendo um local de coletividade, regras, sofrimento e conforto.

**GRÁFICO 10: CATEGORIAS DISCURSIVAS – 'X'  
31 EVOCAÇÕES**



Fonte: Entrevistas semi-estruturadas com egressos da cidade de Ponta Grossa  
Organizador: GONTAREK, D. D.

Esta categoria serve para contextualizar a dinâmica territorial enquanto sendo algo mutável e sobreposto, construída na mesma medida em que outras são desfeitas a partir de regras que se sobrepõem em detrimento dos diferentes grupos que a compõem.

O "X"<sup>8</sup> neste caso é algo que não é acessado por todos, e que tem regras diferenciadas de acordo com o grupo que o sustentam, apresentando dinâmicas distintas daquelas encontradas na cadeia em geral. Ela é a única espacialidade que apareceu a categoria 'Conforto', visto que é local que pode apresentar regalias diferenciadas, a partir do uso de celulares, a presença de televisão e vídeo game, a possibilidade de uma melhor alimentação compartilhada pelo grupo presente, etc.

Essa união é legal mesmo cara, tipo se tiver um pão ali, ninguém come se não der pra todo mundo. Tudo é dividido, tudo tem que ser dividido dentro do 'X'. O que que não é dividido? Luxo, luxo que eles falam. Luxo é droga e cigarro. (Trecho de entrevista realizado com Lobo em 2015)

A espacialidade 'Seguro' se faz enquanto algo bastante curioso por ser a espacialidade que representa aquilo que não é aceito no convívio entre os detentos, sendo caracterizado

<sup>7</sup> A espacialidade Cidade (18%) não será discutida nesse artigo, pois este está se prepondo em analisar somente as espacialidades que compõe somente a prisão.

<sup>8</sup> Cela

enquanto um local de exclusão (78% do total de evocações), desprezo e mal caráter (juntos somam 22% do total das evocações), utilizando aqui para representar as diferentes territorialidades existentes no espaço carcerário.

Essas celas em específico, são criadas pela organização interna e asseguradas pela instituição para assegurar a segurança desses sujeitos não aceitos no convívio entre o restante dos detentos. Podemos considerar que suas condutas ou práticas criminosas configuram em seus corpos estigmas (GOFFMAN, 1988) que os impedem de acessar a centralidade das relações de poder internas, limitados a vivências somente essas espacialidades e com isso, aumentando o rigor de sofrimento em suas penas.

### **Considerações finais**

Este trabalho preocupou-se em compreender como os egressos do sistema penitenciário da cidade de Ponta Grossa interpretam a experiência do cárcere a partir de suas vivências territoriais. Este objetivo inicial leva em consideração a experiência do indivíduo dentro do território carcerário marcado por distintas relações de poder e que a partir dela, carregará consigo marcas de ressignificação das relações no momento de sua liberdade.

Teve como condutor teórico o conceito de território, compreendido ao longo do trabalho como relacional, pois ao mesmo tempo que é composto por individualidades envolve desafios coletivos que constantemente alteram a sua composição, sobrepondo-se e coexistindo de variadas formas.

A prisão a partir da vivência realizada pelo grupo entrevistado é definida enquanto um local de sofrimento (22%), aprendizado (12%), coletividade (12%) e regras (9%), termos que mais aparecem ao decorrer de suas falas.

Ele também nos indicou que a realidade em que se encontra atualmente a maiorias das instituições penais é composta pelo descumprimento da legislação que assegura direitos dos apenados, como por exemplo o alto índice de superlotação, o cumprimento da pena em cadeias provisórias, a insegurança em relação a integridade física e moral dos reclusos, as condições insalubres que essas instituições são encontradas, entre outros.

Cumprir finalizar esse trabalho ressaltando a importância e a necessidade de dar visibilidade a essa dinâmica pouco valorizada dentro das discussões geográficas, tema considerado ainda marginal na produção de análise científica.

**Referências**

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa. Tradução: Luís Antero e Augusto Pinheiro, 1970;
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de Saber*. Rio de Janeiro. Graal. 7º ed. 1998;
- KROPOTIKIN, Pedro. *As prisões*. Traduzido por Barricada Libertária. Primeira versão em 1897. Barricada Libertária, Campinas, 2012;
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993;
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo. Hucitec. 1999;
- SILVA, J. M. *Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade*. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009;
- SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José (Org.) ; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Org.)  
*Espaço, gênero e masculinidades plurais*. 1. ed. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011. v. 500. 358p;
- SOARES, L. E. *Justiça: pensando alto sobre violência, crime e castigo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011;
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento. Em: GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato.